



VALORES HUMANOS EM EDUCAÇÃO: A COMPLEXIDADE DO ÓBVIO NA ESCOLA DO SÉCULO XXI

Nei Alberto Salles Filho¹ - NEP/UEPG
Virgínia Ostroski Salles² - NEP/UEPG

Grupo de Trabalho – Violências nas escolas
Agência Financiadora: não contou com financiamento

Resumo

A discussão sobre os valores humanos é tema recorrente em educação, especialmente quando questões referentes à indisciplina, ao conflito e à violência na escola estão em pauta. No caso das ações do Projeto de Extensão “Núcleo de Estudos e Formação de Professores em Educação para a Paz e Convivências”, da Universidade Estadual de Ponta Grossa (NEP/UEPG), esta discussão ocupa uma dimensão central. Reconhecendo que os valores humanos estão na base de nossas atitudes e comportamentos e destes alimentam-se igualmente, notamos que seu estudo adequado passa a ter importância como elemento constitutivo das práticas escolares. Este artigo objetiva levantar reflexões de uma possível pedagogia dos valores humanos na escola, a partir da pesquisa exploratória, com fontes bibliográficas, para mapear caminhos importantes para os valores humanos na escola, não tomados unicamente como uma “boa intenção” de educadores e instituições de ensino, mas como uma prática pedagógica diferenciada, explícita e planejada com critérios coerentes. A partir da revisão de literatura e considerando reflexões feitas de toda esta reflexão no NEP/UEPG, através de grupos de estudo e oficinas pedagógicas e cursos voltados à formação continuada de professores, podemos dizer que os valores humanos carecem de abordagem ampla no contexto educacional, sob o risco de serem pensados de maneira limitada, ou ainda, reproduzir comportamentos não desejados nas pessoas e estruturas. Acreditamos que o olhar conceitual mais qualificado para a discussão e para a abordagem dos valores humanos pode contribuir para o melhor dimensionamento das perspectivas sobre a prevenção das violências escolares e do campo emergente da Educação para a Paz.

Palavras-chave: Valores Humanos. Educação. Práticas Pedagógicas.

¹ Doutorando no Programa de Pós Graduação em Educação da Universidade Estadual de Ponta Grossa – PR. Mestre em Educação pela Universidade Metodista de Piracicaba – SP. Pesquisador do Núcleo de Estudos e Formação de Professores em Educação para a Paz e Convivências – NEP/UEPG. E-mail: nsalles@uepg.br.

² Mestranda no Programa de Pós Graduação em Ensino de Ciências e Tecnologia UTFPR – Campus Ponta Grossa. Pós Graduação em Educação Especial. Licenciada em Pedagogia. Professora do Ensino Fundamental, da Rede Municipal da cidade de Ponta Grossa – Pr. Membro Núcleo de Estudos e Formação de Professores em Educação para a Paz e Convivências – NEP/UEPG. E-mail: virginia.utfpr@gmail.com.

Introdução

Precisamos “resgatar os valores” nas crianças e jovens de hoje! Esta afirmação certamente é uma das mais ouvidas nas escolas atuais, especialmente ditas por professores, normalmente em situações de indisciplina, conflitos e violência envolvendo alunos. No trabalho do Núcleo de Estudos e Formação de Professores em Educação para a Paz e Convivências, da Universidade Estadual de Ponta Grossa (NEP/UEPG), que trabalha na formação continuada de professores em estratégias e alternativas às violências escolares, a questão dos valores humanos tem sido recorrente e central nos grupos de estudos, oficinas e cursos, onde os docentes da Educação Básica apontam uma “crise de valores” como aspecto central de todos os problemas da escola.

Na tentativa de contribuir com a reflexão desta questão, discutiremos no presente artigo, alguns elementos conceituais e contraditórios nas questões que envolvem os valores humanos na escola, procurando apontar caminhos para qualificar o debate e o pensamento sobre práticas pedagógicas coerentes, supondo uma possível pedagogia dos valores humanos no cotidiano educacional, que vá ao encontro de aspectos críticos que superem a visão parcial dos valores como uma dimensão pronta e aplicável na escola, como um produto a ser utilizado como um medicamento, em momentos difíceis da escola.

No sentido colocado, na tentativa de encontrar saídas para melhorar comportamentos e atitudes dos alunos, algumas escolas procuram mudar perspectivas, pensar novos paradigmas que superem a visão a seguir:

A prática usual das escolas é considerar a questão das crenças e valores morais como algo que dispensa uma análise mais detalhada, à medida que a escola seria considerada naturalmente benéfica para o desenvolvimento moral de seus alunos (BRANCO; FREIRE; GONZÁLEZ, 2012, p. 38).

Neste pensamento, há dois equívocos: o primeiro é acreditar que a questão de valores se sustenta por si só, ou, como se estivesse relacionada apenas à família, como se a escola não fosse um local de convivências altamente importante na vida e na socialização de crianças e jovens. Nesse caso, praticamente inexistente a reflexão e discussão sobre os valores humanos em questão em cada contexto. O segundo equívoco, neste caso com certa ingenuidade, é supor que a escola naturalmente, a partir de seus códigos e valores institucionais implícitos, prepararia as crianças para a vida em sociedade. Tal argumento só poderia sustentar-se em sociedades fechadas, onde as regras e normas fossem obedecidas baseadas no medo e na punição, como nas ditaduras militares.

Supondo estes equívocos na abordagem, acreditamos que os valores humanos são fundamentais para repensar a educação e a escola na caminhada do século XXI, um momento de mudanças sociais, políticas e econômicas sem precedentes na história da humanidade e, por isso mesmo, suscetível a mudanças cada vez mais inconstantes e rápidas. Portanto, este artigo relata os caminhos trilhados na discussão sobre os valores humanos em educação, encaminhadas nas ações do NEP/UEPG, ao longo dos últimos anos, na intenção de ampliar a discussão, análise e crítica sobre este tema, ainda fortemente ligado ao senso comum e a práticas pedagógicas igualmente frágeis no cotidiano escolar. Esclarecer melhor sobre a complexidade de tratar o tema dos valores humanos pode ser o melhor caminho para entendê-lo nas diferentes realidades e contextos sociais e educacionais.

Algumas questões sobre os valores humanos na escola

Neste artigo, trabalharemos com o recorte específico da atenção aos valores humanos na escola, obviamente reconhecendo que todas as atividades humanas, comportamentos e atitudes estão imersas em conjuntos de valores, implícitos ou explícitos nas convivências. Tal relação é expressa de maneira adequada por Santomé (2013):

O conhecimento disponibilizado aos alunos, as fontes de informação, os blocos de conteúdos selecionados, assim como as metodologias e formas de avaliação recorridas envolvem uma importante tomada de decisão que implica compromissos com valores que serão promovidos (SANTOMÉ, 2013, p.168).

Portanto, aceitamos esta complexidade do jogo de valores, quando valores como desigualdade e injustiça sociais em certa medida agem sobre as relações, mas, nos deteremos nos valores de relação direta, nas questões interpessoais cotidianas, pensando na explicitação de valores que estão em jogo diretamente nos ambientes escolares, que são fonte de conflitos e indisciplina, senão de muitas das violências escolares. Também não faremos uma abordagem psicológica que aponta apenas os valores morais como determinantes para a vida. Pensaremos na proximidade da psicologia social, na perspectiva clássica de Parsons: “Valor é uma concepção, explícita ou implícita, distintiva de um indivíduo ou característica de um grupo sobre o desejável, que influencia a escolha das formas, meios e fins existentes de ação” (1961, *apud* ROS, 2006, p.27).

Analisando o conceito clássico sobre valores, já podemos desdobrá-lo para algumas dimensões importantes. Valores podem ser implícitos, o que não fica visível, mas atua igualmente de forma direta sobre o mundo e a vida, ou explícitos, quando há clareza de sua

influência sobre as decisões e ações. Uma segunda questão é que valores distinguem indivíduos entre si ou definem grupos. Isso supõe que muitas vezes os valores individuais submetem-se aos valores de grupos sociais, coletivos. Isso implica que ao contrário do que se pensa e diz os valores estão num jogo permanente de conflitos, não apenas externos, mas também internamente às perspectivas pessoais. Por fim, mesmo parecendo óbvio, é fundamental reafirmar que são os valores, sejam em ações individuais ou coletivas, são construções referentes ao processo de desenvolvimento das relações humanas e, por isso, determinam nossas ações, pois interferem em atitudes e comportamentos cotidianos.

Somente esta breve reflexão conceitual, de meados do século passado, já serviria para afastar o senso comum da discussão sobre os valores humanos na escola, abrindo a necessidade de ampliar – e muito – seus estudos em relação às didáticas, metodologia e práticas de ensino, em todos os níveis de ensino. Mas como apontam Branco; Freire e González (2012):

Os educadores assumem que existem códigos universais ideais que regem as relações entre as pessoas e não se mobilizam para observar, identificar e analisar as contradições, conflitos e incoerências inerentes aos contextos interativos vivenciados de forma cotidiana (BRANCO; FREIRE; GONZÁLEZ, 2012, p.38).

Para avançar é preciso reconhecer que tal problema realmente acontece em muitas áreas da educação brasileira. A necessidade ou importância dos valores humanos já está presente, porém, não há uma discussão conceitual e pedagógica em torno dos mesmos. Como reflexo disso, o que vemos acontecer em muitas escolas é justamente um conflito gerado pela imposição de um conjunto de valores considerados “bons”, contra valores “ruins”, ou, dito de outra forma, valores que professores tem de sua história de vida e pretendem reproduzi-los no contexto dos seus alunos, de décadas diferentes, com culturas em transição, no caldeirão de estímulos midiáticos e tecnológicos da segunda década do século XXI, ou seja, com certo exagero, valores de dois mundos muito diferentes, não apenas física ou materialmente diferentes, mas especialmente diversos na percepção, nos valores!

Os mesmos pesquisadores aprofundam tais questões, pensando como a diversidade e as contradições nos valores humanos interferem decisivamente no contexto e ambiente escolar, quando dizem:

Existe uma tendência generalizada ao se referir aos valores morais e aos princípios éticos como sendo necessariamente pró-sociais, ou seja, impregnados e fundamentados nos princípios da justiça, da liberdade, do respeito aos direitos humanos e à democracia. Infelizmente, nem sempre a conduta daqueles que atuam em contextos educativos se fundamenta em tais princípios. As verdadeiras crenças, valores e motivação muitas acabam por se traduzir em práticas e ações de discriminação, rotulação e rejeição a certos tipos ou categorias de pessoas consideradas “diferentes” (estranhas? deficientes? inadequadas?) quanto a qualidades específicas (BRANCO; FREIRE; GONZÁLEZ, 2012, p.37).

Nesta continuidade argumentamos que existe um descompasso em relação à teoria daquilo que se propõe na escola e entre o que ocorre no cotidiano. A primeira digressão é a que fala da escola como local de formação de cidadãos, o que é confirmado pela legislação e planos escolares. Porém, se pretende tal objetivo pensando unicamente nos conteúdos curriculares e ignorando, ou tentando unificar valores e perspectivas tão diversas que compõe a escola em algumas atitudes de “disciplina, silêncio e respeito”? O exercício e sentido da cidadania não seria mais amplo? Aliás, a própria construção da noção de cidadania também não é em si um valor que precisa ser pensado à luz da relação do Estado com seus indivíduos, dentro de uma trajetória histórica e situada?

O segundo desequilíbrio entre o discurso da educação e sua prática está reconhecer, mas tentar evitar a pluralidade de perspectivas e grupos sociais diversos que se apresentam nas escolas. Características étnicas, religiosas, diferenças nas formas e opções de vida, nas escolhas individuais, na flutuação por grupos variados, nesta dinâmica cultural que caracteriza a sociedade brasileira atual, marcada pela geração do consumo, pela tecnologia incorporada e pelas possibilidades positivas e os dramas decorrentes de tudo isso. Esta tem sido uma das questões visíveis e claramente incômodas em educação, como recentemente no Brasil, com uma discussão nacional sobre “ideologia de gênero”, rivalizou grupos religiosos e apoiadores dos direitos humanos como liberdade. A discussão, pertencente ao conjunto dos Planos Municipais de Educação, decorrentes do desdobramento do Plano Nacional de Educação (Lei n 13005/2014) foi desqualificada em seu objetivo pedagógico, que vem sendo construído no país há duas décadas, por afirmações sem sentido pedagógico, fruto de juízo de “valor” subjetivo a determinados grupos, que afirmam que determinados valores devem ser aprendidos com a família e não na escola. Sem adentrar na questão em si, o que fica claro é que a relação entre valores, escola, família e sociedade ainda seguem sem um conjunto de tratamento integrado, gerando uma gama de conflitos, que se de um lado são positivos, de outro vem densamente carregados de revanchismos e oposição extrema, sem a mínima possibilidade de diálogo racional e tolerante, o que inevitavelmente os leva às violências, seja

verbal, psicológica ou física. Logo, os valores humanos como pano-de-fundo não são, evidentemente, questão apenas de fundo, mas emergem com força nas palavras, gestos e atitudes cotidianas na escola.

Possíveis caminhos balizadores

Na complexidade exposta, que é o fio condutor de nosso estudo e trabalho sobre os valores humanos no NEP/UEPG, algumas perspectivas são encaminhadas com os professores como forma de orientação para o cotidiano escolar. Por compreendermos que os valores são multirreferenciais e multifacetados nas diferentes turmas, com diferentes faixas etárias, culturas, envolvimento com docentes, a cultura escolar e do bairro, além de ideologias dominantes relacionadas à grande mídia, vemos que o trabalho precisa ser desenvolvido sobre dois aspectos essenciais.

O primeiro é exatamente o reconhecimento e reconstrução dos valores convivências da relação eu-outro, para possibilitar as primeiras pontes para a aproximação nos pequenos grupos de referência. Conviver com os pares com sentido de respeito ao ser humano, que carrega diferenças e, ao mesmo tempo, pode ensinar com elas. Aceitar que a diversidade é um bem a ser preservado, diante de tantas formas de violência e morte por motivos torpes. Reconstruir, revalorizar e redimensionar os valores humanos universais, para valores de convivência concretos, ou seja, valores distantes como amor, humildade, responsabilidade entre tantos, sejam repensados à luz das comunidades, explorando critérios exequíveis nas relações, sem perder seu fundo de humanização e desenvolvimento do ser humano. Nesse sentido, Santomé (2013) nos dá fundamentos quando discute que:

Na medida em que a luta a favor dos Direitos Humanos é uma das características idiossincráticas do século XX e da primeira década do presente século, podemos admitir que estamos vivendo em sociedades nas quais os cidadãos consideram a existência de valores prioritários indispensáveis para guiar e servir como medida com a qual podem explicar e julgar o que acontece (SANTOMÉ, 2013, p.157).

Este é o ponto que julgamos fulcral em nossa abordagem no NEP/UEPG, quando entendemos que as questões de cidadania, direitos humanos e cultura de paz, das últimas décadas são marcos que não devemos perder de vista, uma vez que são elementos de construção na tensão entre uma sociedade que quer manter a exclusão e justiça social como forma de manutenção do poder e, outra, que está em gestação pelo esgotamento da primeira, que acredita em justiça, equidade e desenvolvimento sustentável. Entendemos que não deve

existir um lado vitorioso deste embate, mas sim um equilíbrio constante de perspectivas, para que avanços humanos e sociais aconteçam, seja em relação aos direitos civis, políticos e sociais, além da garantia da vida do planeta e das espécies, incluindo a humana. Como enfatiza Santomé: “a construção do comunitário – é substituída pela estética do consumo e por relações efêmeras, consequência de uma vida líquida. É necessário avaliar tais transformações” (2013, p.157).

Junto a esta reflexão profunda e crítica sobre os valores humanos, o que poderíamos chamar de objetiva ou cognitiva, paralelamente pensamos questões mais ligadas à subjetividade ou a dimensão emocional e afetiva que ensejam os valores humanos na escola. Este universo vai equilibrar com as questões críticas no primeiro aspecto, trazendo o esclarecimento sobre os valores, também em relação às boas convivências. Divergir ou entrar nos conflitos, não precisa ser na grande parte das vezes, sinônimo de enfrentamento ou crises, mas ao contrário, pode ser o encontro ou reencontro através dos pontos comuns para o crescimento coletivo. Nesse ponto, concordamos com a reflexão de Mesquita (2003):

Nossos filhos estudam inglês, matemática, história, computação. Mas não estudam amor ao próximo, solidariedade, respeito à diversidade, cooperação, ética e lealdade. Nossos jovens cada vez mais se preocupam em ser o número 1, mas não aprendem principalmente os valores sólidos que os levem à verdadeira felicidade (MESQUITA, 2003, p. 14).

Como vemos, há um discurso de valores que pauta-se pela visão positiva de “um mundo melhor e mais humano”. Longe de fazer uma abordagem que negue os conflitos e contradições sociais, estamos ainda mais distantes de descartá-la. Fazer isso é abrir mão de toda uma parte da vida humana, das relações que são cruzadas por valores subjetivos, individuais, construídos nos amores e dores, na espiritualidade, nas famílias e que estão em jogo no contexto escolar. São estes caminhos que, juntos com perspectivas críticas, ajudam a reconhecer valores individuais, grupais, coletivos, comunitários, sociais, internacionais e planetários, para caminhar na construção permanente desta dialética entre valores, contra valores e sínteses apropriadas a cada geração, sem perder de vista a continuidade destas mesmas gerações.

Considerações Finais

Como salientamos no decorrer do texto, muitas vezes as pessoas são conscientes de seus valores e, com isso, podem afirmá-los, discuti-los e relativizá-los, mantendo-os ou

recriando-os. Tais atitudes promovem as aproximações e a construção de caminhos viáveis, solidários e mais sintonizados com a sustentabilidade da vida e do planeta. Outras pessoas raramente param para pensar quais os valores que as guiam em seu comportamento. Nesse caso, não tem clareza de suas tomadas de decisão e podem ser enganadas mais facilmente e ainda tornar-se violentas por não aceitar os valores dos outros. Ao contextualizar a perspectiva dos valores humanos em nosso trabalho no NEP/UEPG, encontramos na contribuição de Martins García e Puig (2010) alguns pontos que nos fortalecem a importância da construção de uma pedagogia dos valores humanos. Para eles são sete dimensões ou competências básicas dos valores:

1. Ser você mesmo: uma competência relacionada ao autoconhecimento e percepção em dimensionar nossos valores entre positivos e negativos, perante as situações da vida e da sociedade. Assim, integrar nossa biografia pessoal nas relações cotidianas é fundamental para estabelecermos perspectivas sobre valores.
2. Reconhecer o outro: ao criar vínculos afetivos com os outros, além do acolhimento e aceitação das diferenças, estamos colocando nossos valores em dimensão relativa. Isso demonstra a importância dos processos coletivos, entre eles a educação, na construção de valores. Podemos supor que é investir muito nas atividades vivenciais, dinâmicas de grupo, esportes e arte são elementos ricos no conhecimento de si mesmo e do outro.
3. Facilitar o diálogo: as convivências humanas são cruzadas pelas palavras, gestos, enfim, pela linguagem. Assim o diálogo é elemento básico no favorecimento das relações. Qualificar o diálogo é proporcionar a explicitação de perspectivas, que são assentadas em valores, e, pensar nos valores envolvidos é necessário para encontrar as motivações e sentidos para as atitudes.
4. Regular a participação: é necessário incentivar a participação ativa das pessoas envolvidas nos processos de construção de vínculos positivos. Participar é compreender a importância de participar coletivamente e afirmar o compromisso com os grupos.
5. Trabalhar em equipe: ter propostas claras para o trabalho em equipes, para incluir pessoas dentro de seus potenciais colaborativos. Desenvolver coerência e respeito às diferenças é o aspecto básico para o trabalho coletivo. Este é outro desdobramento do trabalho com os valores humanos, que potencializam as convivências dentro de critérios de comportamento construídos coletivamente.

6. Fazer escola: fazer uma escola melhor através do desenvolvimento da autonomia, diálogo, cooperação e com o entendimento de comunidade, inclusive com a participação expressiva das famílias. Assim como pode haver a construção de valores na relação entre alunos e alunos com professores e funcionários, mediados pelas questões escolares, podemos dizer que a escola é também, em grande medida o espaço comunitário e familiar da criação, recriação e construção de valores para a comunidade, que tem problemas comuns, demandas sociais a ser atendidas etc.
7. Trabalhar em rede: no desdobramento das competências anteriores, é necessário reconhecer que precisamos de uma escola conectada não só com seu entorno, mas com a cidade, o país e o planeta. Aprender o valor do trabalho em rede, tanto nos relacionamentos presenciais como com a utilização da tecnologia como fonte ilimitada de ações positivas e solidárias. Valores também são expressos, e isso é cada vez mais evidente, nos espaços virtuais.

Os profissionais que atuam nas questões sociais e educacionais estão cada vez mais sendo solicitados a abordar problemas que surgem em suas comunidades. Ao deparar com tantos desafios que o presente e o futuro nos revelam, a humanidade vê a educação como um auxílio indispensável em sua tentativa de atingir os ideais de paz, liberdade e justiça. As ações educacionais e sociais são os principais meios para promover uma forma mais profunda e mais harmoniosa de desenvolvimento humano e assim ajudar na redução da pobreza, discriminação, a ignorância, a opressão entre tantas formas de violência. Assim, educar evidenciando os valores humanos é uma possibilidade pedagógica considerável para nosso tempo. Por fim, evidenciamos:

Enquanto o processo de socialização assegura que os valores são transmitidos e internalizados até certo ponto por membros de uma cultura, os subgrupos diferem no grau de importância que outorgam a certos valores e orientações de valores (BRAITHWAITE; BLAMEY, 2006, p. 189).

Portanto, ao discutir questões relativas aos valores humanos na escola, precisamos considerar este duplo condicionante. O primeiro, que alguns padrões referentes aos valores são internalizados de maneira macro, em meio à cultura geral de uma sociedade. Porém, isso por si só, não assegura que estes valores, ao serem confrontados com os subgrupos, com os grupos de convivências mais próximos, eles não sejam relativizados pela necessidade cotidiana de pertencimento e relacionamento. Assim por exemplo, quando trata-se de discutir

sobre os valores de educação dos “filhos dos outros” alguns critérios de comportamento podem ser diferentes quando for para “os meus filhos”. Pelas questões conflituais e críticas aos valores humanos que podemos chegar no seu processo pedagógico. Caso contrário, continuaremos atrelando os valores de convivência a uma perspectiva universalista, que pouco diz às relações cotidianas concretas, especialmente na escola.

REFERÊNCIAS

BRAITHWAITE, Valerie; BLAMEY, Russel. Consenso, estabilidade e significado nos valores sociais abstratos. In: ROS, María; GOUVEIA, Valdiney V. (orgs). **Psicologia social dos valores humanos**: desenvolvimentos teóricos, metodológicos e aplicados. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2006.

BRANCO, Angela Maria Cristina Uchoa de Abreu; FREIRE, Sandra Ferraz de Castilho Dourado; GONZÁLEZ, Alia Maria Barrios. Ética, desenvolvimento moral e cultura democrática no contexto escolar. IN: BRANCO, Angela Maria Cristina Uchoa de Abreu; OLIVEIRA, Maria Cláudia Santos Lopes de. **Diversidade e cultura de paz na escola**: contribuições da perspectiva sociocultural. Porto Alegre: Mediação, 2012.

MARTINS GARCIA, Xus.; PUIG, Josep Maria. **As sete competências básicas para educar em valores**. São Paulo: Summus, 2010.

MESQUITA, Maria Fernanda Nogueira. **Valores humanos na educação**. São Paulo: Editora Gente, 2003.

SANTOMÉ, Jurjo Torres. **Currículo escolar e justiça social**. Porto Alegre: Penso, 2013.

ROS, María. Psicologia social dos valores: uma perspectiva histórica. In: ROS, María; GOUVEIA, Valdiney V. (orgs). **Psicologia social dos valores humanos**: desenvolvimentos teóricos, metodológicos e aplicados. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2006.